

**SOBRE A ESPECIFICIDADE DO CONHECIMENTO POÉTICO**

*Acácio Luiz Santos<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este trabalho investiga o particular conhecimento do discurso poético. Em primeiro lugar, ele estabelece o específico lugar da poesia, a partir de suas relações com a história e a filosofia, considerando: as visões de Platão e Aristóteles sobre poesia; o passado residual como o fundamento da história; e a poesia como conhecimento essencial. Em segundo lugar, ele pretende determinar a específica forma e modo de verdade da poesia, considerando: poesia como temporalidade discursiva; compreensão da poesia e compreensão da história; história e mito; a particular instância do leitor; e poesia como um processo de agir e de fazer. Em terceiro lugar, ele pretende investigar poesia como um ato gratuito relevante em que a instância essencial do leitor é chamada para encontrar uma verdade essencial sobre si mesmo. Desta forma, ele conta contribuir para o campo interdisciplinar das relações entre poesia, conhecimento e discurso especulativo e prático.

**Palavras-chave:** Poesia e conhecimento. Visões clássicas sobre poesia. Poesia e História. Poesia e Filosofia. Poesia e verdade.

**INTRODUÇÃO**

O propósito deste artigo é investigar a especificidade do conhecimento poético, levando em consideração: suas relações com a história e a filosofia; sua verdade específica; e a forma particular de apreensão de tal verdade. Para viabilizar a investigação, seguirei três etapas de desenvolvimento. Na primeira delas, procuro situar o discurso poético frente aos discursos histórico e filosófico,

em busca de estabelecer um quadro significativo de seu escopo e expressão. Na segunda etapa, procuro, a partir do círculo hermenêutico particular da poesia, bem como das instâncias do mito e do leitor, compreender a natureza geral da relação entre poesia e verdade. Finalmente, na última etapa, procurarei estabelecer sua verdade específica, a qual fundamenta as condições e os modos específicos do conhecimento poético. Com isto, conto contribuir para o campo multidisciplinar das relações entre poesia e história e poesia e filosofia, questão sem dúvida central para os fundamentos da própria teoria literária.

## **A POESIA FRENTE À HISTÓRIA E À FILOSOFIA: CONFRONTO DE DISCURSOS**

Os dois principais sistemas filosóficos da antiguidade clássica, o platonismo e o aristotelismo, pensaram o discurso poético inserido em um quadro de semelhanças e diferenças em relação a outros dois discursos: o histórico e o propriamente filosófico, tendo, como referencial de comparação, o conhecimento específico de cada um deles. Em um primeiro momento, no sistema platônico, a comparação resultava desvantajosa para a poesia, como explica Luís S. Krausz:

Se em Homero, isto é, no conceito de poesia implícito na *Ilíada* e na *Odisséia*, [...] a beleza da forma e a verdade estavam juntas, Platão critica os poetas e a poesia e exclui do âmbito da verdade aquilo que podia ser obtido por meio da influência das Musas. Seu método filosófico busca o conhecimento da verdade pela razão e supõe um imenso abismo entre esta verdade filosófica e a verdade percebida por meio da poesia. Este abismo é paralelo ao crescente distanciamento entre as crenças tradicionais, derivadas do período arcaico, e o ceticismo e o racionalismo que são as marcas da origem do pensamento clássico. [...] Ao mesmo tempo em que a poesia passa a ser separada do conhecimento e da verdade, porém, o discurso poético em Platão, assim como nos poetas arcaicos, é atribuído à influência de forças divinas. O questionamento da veracidade poética não deve ser visto como invenção platônica. A ele já se faz alusão na *Teogonia* de Hesíodo, cujas Musas são igualmente hábeis em narrar fatos e mentiras, e no ciclo homérico há lugar para os aedos divinamente inspirados, mas também para as fabricações poéticas – ainda que estas sejam, aí, sempre, puramente humanas. (KRAUSZ, 2007, p.175)

Embora o cerne da crítica de Platão esteja voltado para a refutação da validade da poesia como forma privilegiada de conhecimento filosófico, suas afirmações correm o risco de, se apreciadas fora de contexto, servirem de argumento para a condenação sumária de qualquer possibilidade de conhecimento, ou melhor, de um conhecimento específico, por parte do discurso poético. É necessário não perder de vista o fato de que Platão submete a poesia aos critérios valorativos próprios da filosofia, enquanto discurso racional sobre as verdadeiras essências, apagando a consideração de diferenças fundamentais entre os discursos poético e filosófico. Este apagamento da diferença de gênero promove, em consequência, uma dissolução dos objetivos específicos da poesia, o que também acarretará uma comparação desfavorável a esta, quando comparada à história. Se o objetivo dos historiadores é a verdade – a narração de fatos verdadeiros –, guiada pela razão e bom-senso, o objetivo do poeta é misto e incerto, de vez que este é inspirado pelas Musas, e elas, por sua vez, poderão induzi-lo a cantar o falso, como atesta o início da *Teogonia*, de Hesíodo, vv. 22-28, traduzido para o português por Jacyntho Lins Brandão:

Elas [as Musas] certa vez, a Hesíodo, ensinaram belo canto,  
Ovelhas ele apascentando sob o Hélicon divino.  
E a mim, antes de tudo, as deusas estas palavras dirigiram,  
As Musas olímpias, filhas de Zeus que tem a égide:  
Pastores agrestes, maus opróbios, ventres só,  
Sabemos muitas mentiras dizer semelhantes a coisas autênticas  
E sabemos, quando queremos, verdades proclamar. (BRANDÃO, 2000,  
p.7)

No confronto com os discursos histórico e filosófico, portanto, a poesia fica em uma dupla desvantagem, devido ao apagamento da diferença de gênero e à subsequente (des)valorização por critérios exógenos. De qualquer modo, fica bem claro, na crítica platoniana, que, a haver algum conhecimento veiculado pela poesia, ele será substancialmente diferente daqueles que são próprios da história e da filosofia. Mais tarde, ao descrever a arte poética, Aristóteles fará também uma comparação entre a poesia e a história, agora, no entanto, com a valorização daquela:

The true difference is that one [history] relates what has happened, the other [poetry] what may happen. Poetry, therefore, is a more philosophical and a higher thing than history: for poetry tends to express the universal, history the particular. By the universal, I mean how a person of a certain type will on occasion speak or act, according to the law of probability or necessity: and it is this universality at which poetry aims in the names she attaches to the personages. (ARISTOTLE, 2008)

Embora o tom seja, na passagem da *Poética* acima citada (capítulo 9), favorável à poesia, é necessário matizar sua leitura observando que o discurso histórico deve seguir uma narrativa construída não arbitrariamente nem conforme os caprichos da fantasia, mas a partir de uma rígida metodologia de pesquisa e confronto e interpretação de fontes. Em oposição ao conhecimento histórico, que se identifica à narrativa veiculada (os fatos efetivamente passados), o conhecimento poético reside no efeito obtido pela particular composição da obra (a catarse – purificação, purgação – para a tragédia, o riso para a comédia), de que a narrativa é, tão somente, veículo. Neste processo, a narrativa poética transcende a realidade histórica e dá-se a liberdade de tratar não do que efetivamente aconteceu, mas do que poderia acontecer, conforme a probabilidade ou verossimilhança e a necessidade; por conseguinte, o efeito mobilizará alguma tendência universal no homem, a compaixão (tragédia) ou o distanciamento (comédia). Nem por isso, entretanto, o discurso histórico é alvo de críticas enquanto portador de um conhecimento específico. Se ele, por um lado, não pode valer-se do rico arsenal sugestivo próprio da composição poética, ele legitima-se, por outro lado, por ser uma exposição clara e rigorosa que permite recuperar a nebulosa e fragmentária experiência comunitária passada:

Understanding is therefore not the opposite of explanation; on the contrary, it is its complement and counterpart. It bears the mark of the analysis or the analysis which made it possible. And it retains this mark to the end; the consciousness of an era, which the historian tries to reconstruct within his most far-reaching synthesis, is nourished by all the interactions and varied relations he has won through analysis. The full historical fact, the “integral past”, is properly an Idea in the Kantian sense, that is to say, the *never attained limit* of an ever more extensive and complex effort to integrate. The notion of the “integral past” is the *regulative idea* of that effort. This notion is not given immediately, since nothing is more mediate than a totality; it is the product of a “master conception” which expresses the historian’s supreme effort to put history in order. (RICOEUR, 1998, p.24)

Conforme Paul Ricoeur aponta acima, o “passado integral” delinea-se em nosso entendimento como Ideia, fim inatingível da criatura humana aspirante ao conhecimento das origens. Mas o discurso histórico, porém, não se atreve (nem o poderia) à pretensão de resgatar *todo* o passado. Sua explanação é intrinsecamente limitada à ordenação possível da experiência passada a partir dos vestígios que a significam, para “pôr a história em ordem”. Não é difícil compreender, portanto, o caráter residual, desordenado e fragmentário da matéria histórica, tal como ela se-nos apresenta sem a mediação de discursos históricos. O texto histórico não é o passado, que não pode jamais ser recuperado em sua totalidade. Ele é, por assim dizer, um trabalho investigativo específico, a coleta e interpretação de evidências com o fim de ordenar uma experiência perfectiva. Noutras palavras, o discurso histórico pode, assim, definir-se como uma forma de filosofia aplicada, mais afim ao discurso filosófico que ao poético, apesar da instância narrativa comum à história e à poesia. No entanto, a supracitada passagem da *Poética* terminou, na tradição posterior, por:

[...] colocar a P. [poesia] na esfera da verdade filosófica, já que esta capta a essência necessária das coisas, e no domínio das vicissitudes humanas a essência é constituída pelas relações de verossimilhança e necessidade, que são objeto da poesia. A P., portanto, não possui um grau de verdade inferior à filosofia, mas sim a mesma verdade, no domínio que lhe é próprio, o dos feitos humanos. Esta concepção de P. dominou a tradição filosófica, na qual podemos distinguir duas interpretações fundamentais: A) a P. tem uma verdade de grau ou natureza diferente da verdade intelectual ou filosófica; B) a P. contém a verdade filosófica absoluta. (ABBAGNANO, 2000, p.768a)

Com efeito, uma das tendências dominantes do pensamento moderno, a partir da reposição do texto da *Poética* em circulação, com a *editio princeps* de Aldus Manutius (Veneza, 1508), foi a de atribuir ao discurso poético profundidades poéticas inusitadas, atitude extremada no Romantismo, com a radical defesa, por Schiller, da interpretação B citada acima, que encontrará eco em pleno século XX, na reformulação do problema por Heidegger (para uma exposição concisa, porém crucial, da questão, cf. ABBAGNANO, 2000, p.768b-769b). Esta interpretação, no entanto, desconsidera a própria orientação específica do discurso poético, de vez que a essência representada por este não é submetida à depuração conceitual própria do discurso filosófico. De fato, este é

orientado para a univocidade, enquanto que o discurso poético, por sua extremação dos recursos rítmicos e figurativos da linguagem, orienta-se para a plurivocidade.

Do que foi visto acima, portanto, é possível estabelecer um quadro comparativo que permite vislumbrar o conhecimento possível e específico do discurso poético, confrontado com os conhecimentos próprios dos discursos histórico e filosófico:

TIPO DE DISCURSO	ESCOPO:	ORIENTAÇÃO:
Poético	universal	plurivocidade
Filosófico	universal	univocidade
Histórico	particular	univocidade

Tendo, assim, situado o conhecimento específico do discurso poético confrontado com a filosofia e a história, passo agora a investigar a relação entre poesia e verdade.

## POESIA E VERDADE

Uma vez estabelecido o conhecimento específico do discurso poético, torna-se necessário investigar a particular verdade veiculada por ele. Sendo discurso, ele está sujeito à interpretação e sua dialética própria. Esta dialética, conforme Benedito Nunes, afirmará, por sua vez, a temporalidade discursiva:

Deve-se atentar para o fato de que a prioridade da interpretação resulta do quadro referencial em que ela opera, quadro que tem como base a expressão prévia [*Vorhabe*], a visão abrangente [*Vorsicht*] e a pré-concepção [*Vorwissen*], formando o “tripé” da contextualidade da técnica hermenêutica. Ou seja, a visão interpretativa apóia-se em um dado que já compreendemos, concebe-o previamente como algo, isso ou aquilo, dentro do mundo, no contexto onde nos situamos. A concepção prévia, de acordo com a angulação pragmática à verdade, se esboça discursivamente na linguagem comum da vida diária. Reencontramos aqui, habitando o discurso, a circularidade hermenêutica entre parte e todo, que agora podemos qualificar de temporal. Não será fora de propósito resumir da seguinte maneira a prioridade da interpretação [...]: ao interpretar, articulamos discursivamente o que compreendemos, e o

que compreendemos, neste momento, compreendemo-lo temporalmente, mas tanto prospectiva quanto retrospectivamente, à luz do passado, que permanece em certa medida no presente, e do futuro que naquele se projeta. Desta forma, o círculo hermenêutico, do qual falamos há pouco, é um círculo histórico-discursivo. (NUNES, p.80-1)

A poesia, como temporalidade discursiva, instaura um círculo hermenêutico. Mas como ela, além da articulação, é composição, afirmação simultânea da significatividade de estrutura e forma, suas linhas interpretativas são mais complexas e imprevisíveis que as dos discursos orientados para a univocidade: o discurso poético aponta para os problemas mais profundamente enraizados de seu momento e, concomitantemente, os transcende. Assim:

Toda literatura implica numa *semiose*, isto é, num processo de significação cuja produção está ligada ao *valor* artístico. O alcance profundo desse valor deve ser buscado na articulação do texto literário com a História. Em outras palavras, o valor artístico de uma obra parece residir na maior ou menor apreensão que o texto realiza da situação do ser humano confrontado com a realidade da História e do Inconsciente (em especial, o *mito*, mantido pelas formações discursivas do Inconsciente). Isto não significa que o texto literário contenha a figuração da aparência da estrutura social (ou seja, do real histórico), mas que contém aquilo que ficou latente na História, já que não foi dito pela linguagem. Assim, a obra indica uma falta, uma ausência, que repercutem no homem. É, portanto, uma lacuna da História, que transparece, como palavra não pronunciada, no texto literário. (SODRÉ, 1979, p.162)

Portanto, a partir de Muniz Sodré, acima, a compreensão da poesia vincula-se à compreensão da história: por seu escopo universal, ela pode apontar, com maior acuidade, para as aporias de seu momento histórico. Por outro lado, devido à sua orientação plurívoca, ela tende a investir seus personagens, lendários ou não, naturais ou sobrenaturais, de contornos simbólicos, o que os aproxima do mito; por sua vez:

As figuras do mito e da lenda – é o que se pensa – são tão-somente sublimações abstratas de figuras históricas, que acabaram por tomar o lugar destas últimas e por valerem em si e por si, mitológica e fantásticamente. No caso, o oposto é que é verdadeiro, ou seja: existem realidades de uma ordem superior, arquetípica, diferentemente embelezadas pelo símbolo ou pelo mito. Pode acontecer que, na história, determinadas estruturas ou personalidades acabem, de

certa forma, por encarnar tais realidades. História e super-história então interferem e acabam integrando-se reciprocamente, e a fantasia pode transferir instintivamente àqueles personagens e àquelas estruturas as características do mito exatamente com base no fato de que, de certa forma, a realidade se tornou simbólica e o símbolo se tornou realidade. (EVOLA, 1993, p.15)

O problema da relação entre mito e história resolve-se, assim, a partir da significatividade total, de forma e estrutura, do discurso poético. Acaba tendo menor importância, na poesia, o “ter (ou não) acontecido” dos eventos narrados, que o “ter significado” um problema humano essencial, particularmente atualizado em cada momento histórico. Desta forma, a verdade possível à poesia está além da factualidade histórica e aquém da conceptualidade filosófica. Por sua vez, para sua interpretação cooperam, de modo descontínuo e concomitante, todos os seus elementos: o corpo total do discurso poético é, por assim dizer, orgânico e em perpétua transmutação funcional. Não surpreende que emergja, como veículo privilegiado do processo comunicativo da poesia, a instância do leitor implícito:

Ao compor o texto, o sujeito do conhecimento termina sua tarefa: a de veicular um conhecimento da realidade, um modo particular de *ver* o mundo, expresso por meio de metáforas polivalentes. Ora, como todo empenho gnosiológico, trata-se de uma operação transitiva: o conhecimento se dirige a um interlocutor, disposto a aceder, no contacto com o texto, ao saber nele fixado. Como o saber se expressa por metáforas, o leitor não tem como fugir ao trabalho de “traduzi-las” se quiser apossar-se do conhecimento ali coagulado. Gera-se, desse modo, um diálogo de mútua dependência entre o sujeito do texto literário e o leitor [...]. Por ora, satisfaça-nos verificar que o leitor é indispensável ao texto, porquanto o pressupõe, não só como interlocutor virtual, mas até como implícito na malha textual. (MOISÉS, 1982, p.27)

É possível perceber, pois, que há uma diferença essencial na hermenêutica específica do discurso poético, que a distingue dos discursos histórico e poético: enquanto que nestes o leitor é chamado à compreensão da verdade ordenada pela razão e comunicada de forma unívoca (mesmo as incertezas, quando existem, são claramente expostas e justificadas), no discurso poético o leitor deve reconhecer linhas descontínuas de compreensão, ponderá-las não pelo exclusivo recurso à razão, mas à imaginação, à volição, à rememoração e, conforme Massaud Moisés, “traduzi-las se quiser apossar-se do conhecimento ali

coagulado”. Desta forma, cada leitura de cada leitor é única: na interpretação do discurso poético, o imprevisto e o inconsciente têm um papel fundamental. Esta característica diferenciada da hermenêutica poética aponta, por sua vez, para uma verdade diferenciada a ser reconhecida:

A visão da poesia como conhecimento pressupõe a caracterização das formas de conhecimento e, em conseqüência, a distinção entre o conhecimento filosófico, científico, artístico, religioso e do senso comum. Cada uma dessas formas possui elementos específicos relacionados à linguagem e à concepção da realidade. Em vista disso, pode-se falar em graus de conhecimento, desde o conhecimento que consiste numa relação intelectual entre o sujeito e o objeto, até o conhecimento que reside no ocupar-se com as coisas, que é um agir e um fazer. Conhece quem resolve um sofisticado problema de matemática, mas também quem conserta um motor de automóvel ou prepara uma refeição. Esses dois momentos caracterizam o chamado conhecimento teórico e o conhecimento pré-teórico. A poesia como conhecimento, de certo modo, abarca esses dois pólos, o conhecimento racional, embora sob a forma de manifestação sensível, e o conhecimento pré-teórico, enquanto implica um saber fazer o poema. (PAVIANI, 2003, p.143)

Da sugestiva reflexão de Jayme Paviani, acima, eu apenas sugeriria falar em conhecimento integrado, em vez de racional, pelas razões aduzidas mais acima. Assim, o discurso poético caracteriza-se por uma hermenêutica específica, encontrada na apreciação translinear do corpo poético, em que a verdade poética se constroi a partir da intervenção pessoal de cada leitor a cada leitura.

## **A VERDADE ESPECÍFICA DA POESIA**

Das primeiras duas etapas do desenvolvimento expostas até aqui, alguns aspectos da verdade específica do discurso poético já se delineiam: ela é concomitantemente pessoal, embora universalizante; sígnica, embora plurívoca; trans-histórica, embora situada. Estes oxímoros aparentes se esclarecem, no entanto, se considerarmos o caráter distintivo da palavra poética. No dizer de Hans-Georg Gadamer:

Clearly, the distinctive character of the poetic word is exactly that it does not refer to something in such a manner that one is directed away from it, in order to arrive somewhere else, as the coin or bill needs its backing. In

poetry, when one is directed away from the word, one is also at the same time directed back to it; it is the word itself which guarantees that about which it speaks. That is the experience which we all have with the poetic word. The more intimate one is with poetic conjoining [*Fügung*], the richer in meaning and the more present the word becomes. The distinctive characteristic of the poetic word lies in the manner in which it presents itself by presenting something. (GADAMER, 1992, p.73)

Embora presuma um agir e um fazer, como foi visto na etapa anterior, o discurso poético é também representação de um ato gratuito significado: a palavra poética efetivamente selecionada remete, no ato interpretativo, a inúmeros e imprevisíveis significados não nomeados. Mas este ato gratuito (de “graça”, na acepção ecumênica) representado não é inconsequente; ao contrário:

The unrepresentable source of making, alias *poiesis*, from which all representations poetically emerge, cannot itself be represented as such, but it can always, volcanically, act up and manifest itself anew, and all representations can be reduced to naught and be contradicted and annihilated by the world-shattering, world-renewing event of *poiesis*. *Poiesis* is in this sense apocalypse, and so far as our experience of it can be conceptualized and communicated, apocalypse is *poiesis*, with the proviso that *poiesis* embraces not only the positive poetic moment of giving form, but equally the dissolution of form and the annihilation of all orders of representation. (FRANKE, 2009, p.25)

O discurso poético em sua feitura (*poiesis*) prevê, destarte, uma epifania irrepitível, cujo impacto, para o sistema poético, é, como bem observa Franke, apocalíptico, representação concomitante de uma revelação e uma consumação. A verdade específica da poesia começa a emergir sob a marca da eventualidade única para o leitor. Daí a essencialidade do leitor implícito, fim último do discurso poético: por ele, viabiliza-se o chamado ao leitor empírico, *para este descobrir, espantado, que a resposta ao enigma poético estava, desde antes da leitura, nele próprio*. Conforme Vilém Flusser:

A poesia é intelecto espantado ante o inarticulado. O inarticulado é espantoso, porque inteiramente diferente do intelecto. A proximidade do inarticulado espanta. A dúvida, que é a oposição do inarticulado contra si mesmo, é um espanto do inarticulado ante si mesmo. A dúvida é um grito de espanto. Esse grito de espanto resulta no nome próprio a ser predicado em verso. A dúvida é espanto articulado. Intelecto é articulação progressiva do espanto. À medida que progride a conversação, o espanto se dilui, mas está denso no verso. A conversação é o método de diluir espanto. É um assobiar na floresta.

Mas o espanto original se renova sempre na poesia. A verdade é uma função do espanto. (FLUSSER, 2002, p.59)

O espanto assinala, assim, a descoberta da profunda verdade específica do discurso poético: uma verdade essencial que, em um dos paradoxos centrais de nossa existência de seres sígnicos, passionais e racionais, nos surpreende ao nos defrontarmos com a articulação, na poesia, de um saber *novo* e *nosso*, próprio de nós mesmos e inevitavelmente veiculado por um *outro*.

## CONCLUSÃO

Do que foi exposto acima, posso, à guisa de recapitulação e conclusão, afirmar que: o discurso poético possui um conhecimento próprio e legítimo, distinto tanto do conhecimento histórico quanto do filosófico; deste conhecimento específico emerge uma hermenêutica específica, que resulta da própria concomitância significativa, no discurso poético, de forma e estrutura; nesta hermenêutica, a intervenção do leitor tem um papel essencial, pois cabe a ele, a cada leitura, construí-la; a verdade específica do discurso poético identifica-se ao, por assim dizer, tremor da recepção, quando o leitor se assombra diante da revelação de uma verdade veiculada pelo texto mas que está nele próprio (leitor), que significa o drama e o mistério da existência. Espero, portanto, ter podido contribuir, de alguma forma, para o estudo das relações interdisciplinares entre Poesia, Conhecimento e Hermenêutica.

## ON THE SPECIFICITY OF POETIC KNOWLEDGE

### ABSTRACT

This article investigates the particular knowledge of the poetic discourse. First, it establishes the specific place of poetry from its relation with history and philosophy, considering: Plato's and Aristotle's views of poetry; residual past as

the foundation of History; and poetry as essential knowledge. Second, it aims to determine the specific form and mode of truth of the poetry, considering: poetry as discursive temporality; understanding of poetry and understanding of History; history and myth; the particular instance of the reader; and poetry as a process of acting and making. Third, it aims to investigate poetry as a free relevant act in which the essential instance of the reader is called to find an essential truth on her/himself. Thus, it aims to contribute to the interdisciplinary field of the relation between poetry, knowledge and speculative and practical discourses.

**Keywords:** Poetry and knowledge. Classical views on poetry. Poetry and History. Poetry and Philosophy. Poetry and truth.

## NOTA

- <sup>1</sup> Doutor em Letras, Subárea de Literatura Comparada (UFF). Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFF – 2007).

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARISTOTLE. *Poetics*. Transltr: S. H. Butcher. [S.I.]: Project Gutenberg, 2008. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/dirs/1/9/7/1974/1974.txt>  
Acesso em 10, 17 & 20 jan. 2010.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. As musas ensinam a mentir (Hesíodo, *Teogonia*, 27-28). *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, Aveiro, PT, n.2, p.7-20, 2000.
- EVOLA, Julius. *O mistério do Graal*. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Pensamento, 1993.
- FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.

FRANKE, William. *Poetry and Apocalypse: Theological Disclosures of Poetic Language*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. *On Education, Poetry and History: Applied Hermeneutics*. Transltr: Monica Reuss & Hans-Georg Gadamer. Albany, NY: State University of New York Press, 1992.

KRAUSZ, Luís S. *As Musas: poesia e divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Ed. da USP, 2007.

MOISÉS, Massaud. *Literatura: mundo e forma*. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, 1982.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: O pensamento poético*. Org. Maria José Campos. 1reimpr. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2007.

PAVIANI, Jayme. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. 2ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RICOEUR, Paul. *History and Truth*. Transltr: Charles A. Kelbley. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1998.

SODRÉ, Muniz. "Semiologia e literatura". In: VVAA. *Teoria Literária*. 3ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979, p.162-171.